



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

A TENSÃO RETÓRICO-POÉTICA NA PROFECIA HEBRAICA:

UMA ANÁLISE DO LIVRO DE JOEL

CARLOS ARTHUR GULÃO GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO

2024

CARLOS ARTHUR GULÃO GUIMARÃES

A TENSÃO RETÓRICO-POÉTICA NA PROFECIA HEBRAICA:
UMA ANÁLISE DO LIVRO DE JOEL

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Letras:
Português-Hebraico.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karla Louise de
Almeida Petel

Rio de Janeiro

2024

CARLOS ARTHUR GULÃO GUIMARÃES

A TENSÃO RETÓRICO-POÉTICA NA PROFECIA HEBRAICA:
UMA ANÁLISE DO LIVRO DE JOEL

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Letras:
Português-Hebraico.

Data de aprovação:

Banca examinadora:

Nota:

Prof^a. Dr^a. Karla Louise de Almeida Petel – Presidente da Banca Examinadora
Setor de Língua e Literatura Hebraicas, Departamento de Orientais e Eslavas, Faculdade de
Letras - UFRJ

Nota:

Prof^a. Dr^a. Bianca Graziela Souza Gomes da Silva - Leitora Crítica
Setor de Estudos Árabes, Departamento de Orientais e Eslavas, Faculdade de Letras - UFRJ

Média:

RESUMO

Este trabalho investiga a tensão retórico-poética no livro de Joel, um texto profético da Bíblia Hebraica. A análise segue a metodologia proposta por Gerald Morris, que considera a coexistência de elementos retóricos e poéticos nos livros proféticos. Utiliza-se uma abordagem literária para identificar e interpretar a manifestação dessa tensão. O estudo observa como Joel, ao tratar de eventos concretos, utiliza uma estrutura dramática que potencializa sua essência poética. As conclusões destacam a necessidade de compreender Joel dentro de um espectro que equilibra retórica e poesia, oferecendo uma nova perspectiva sobre o gênero profético e a originalidade da literatura hebraica.

Palavras-chave: profecia bíblica; retórica; poesia; livro de Joel; gênero profético; profetas; bíblia; literatura hebraica.

ABSTRACT

This study investigates the rhetorical-poetic tension in the book of Joel, a prophetic text of the Hebrew Bible. The analysis follows the methodology proposed by Gerald Morris, which considers the coexistence of rhetorical and poetic elements in prophetic books. A literary approach is used to identify and interpret the manifestation of this tension. The study observes how Joel, while addressing concrete events, uses a dramatic structure that enhances its poetic nature. The conclusions highlight the need to understand Joel within a spectrum that balances rhetoric and poetry, offering a new perspective on the prophetic genre and the originality of Hebrew literature.

Keywords: biblical prophecy; rhetoric; poetry; book of Joel; prophetic genre; biblical; prophets; Hebrew literature.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
1 INTRODUÇÃO.....	7
2 RETÓRICA E POESIA NO GÊNERO PROFÉTICO BÍBLICO.....	8
2.1 O GÊNERO PROFÉTICO BÍBLICO.....	8
2.2 A RETÓRICA NO GÊNERO PROFÉTICO.....	11
2.3 A POESIA NO GÊNERO PROFÉTICO.....	13
2.4 RETÓRICA E POESIA: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL?.....	16
3 A PROFECIA RETÓRICO-POÉTICA DE JOEL.....	19
3.1 DATAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO DE JOEL.....	19
3.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS E ESBOÇO DA PROFECIA DE JOEL.....	22
3.3 LIVRO DE JOEL: MAIS RETÓRICO OU MAIS POÉTICO?.....	24
3.4 A TENSÃO RETÓRICO-POÉTICA.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A profecia literária bíblica é um gênero textual que desperta profundo interesse dos estudiosos e, ao mesmo tempo, guarda muitos mistérios. A leitura de um livro profético proporciona uma experiência apelativa, buscando convencer de uma mensagem divina ou de um preceito religioso, apresentando-se frequentemente organizada em versos. Essa intrigante natureza tem impulsionado o avanço dos estudos bíblicos, que frequentemente chegaram à dicotômica conclusão de que os livros proféticos só poderiam ter uma essência retórica ou uma essência poética, atribuindo uma ou outra característica ao texto de forma separada.

Gerald Morris, em *Prophecy, Poetry and Hosea* (1996), propõe uma abordagem diferente para o estudo do gênero profético, assumindo de forma igualmente válida ambas as naturezas e incentivando uma análise individual para cada livro profético. A metodologia aplicada ao livro de Joel neste trabalho baseia-se no estudo de Morris, que estabelece, antes de tudo, uma definição de retórica e poesia. Em seguida, escolhe um tropo comum a ambos os supragêneros, observa as ocorrências desse tropo no livro profético em análise e, por fim, define a que gênero fundamental o dado livro mais se alinha, alocando-o num espectro mais retórico ou mais poético.

Morris defende que somente a partir de uma definição prévia da essência do gênero de cada livro profético é possível haver uma interpretação honesta do texto bíblico. Por esse motivo, ele inicia sua obra com a afirmação de que entender mal o gênero do enunciado é invariavelmente não entender o próprio enunciado.

Neste trabalho, os livros proféticos são enfocados como literatura e como obras artísticas da língua hebraica. A abordagem principal será de análise literária, observando a complexidade da manifestação profética não como uma mistura de gêneros inconciliável, mas como uma engenhosa manifestação da literatura cultural hebraica, derivando riqueza e originalidade.

O livro de Joel, em particular, será analisado sob essa luz. Joel apresenta uma estrutura dramática que intensifica sua natureza poética, mas mantém um evidente referente externo, abordando eventos concretos e objetivos. Este estudo busca compreender como essa tensão entre retórica e poesia se manifesta em Joel, e como ela contribui para a sua singularidade dentro do gênero profético.

2 RETÓRICA E POESIA NO GÊNERO PROFÉTICO BÍBLICO

2.1 O GÊNERO PROFÉTICO BÍBLICO

Anteriormente a 1050 a.E.C., a sociedade israelita se organizava com fronteiras territoriais e culturais bem demarcadas, principalmente entre as partes norte e sul do território, subdividindo-se em doze tribos. O contexto era de constantes conflitos contra os povos canaanitas da região, especialmente contra os filisteus. Posteriormente, à época da monarquia unida¹ de Israel, após a derrota dos filisteus, desenvolveu-se uma forte identidade nacional em resposta a necessidades bélicas e sociopolíticas e em detrimento dos consequentes vestígios de uma nação tribal.

Com a nova política e a nova corte, que centralizou serviços civis, religiosos e operários na região central de Jerusalém, floresceu uma língua igualmente centralizada, comum a todos, denominada hebraico clássico. Esta língua servia não somente ao esforço de demarcar uma identidade nacional, mas também como a língua oficial da corte e do Templo, oferecendo, assim, terreno fértil para o surgimento de uma intelectualidade israelita, composta principalmente por sábios e escribas. Ao adquirir polimento literário, passou a ser usada para fins retóricos no âmbito religioso, influenciando-se pela tradição poética pré-monárquica². A partir dessa evolução, a língua culmina, enfim, no ponto de principal interesse deste estudo, segundo Chaim Rabin (1973):

De especial importância para o desenvolvimento do estilo hebraico, ao que parece, foi o fato da existência de um tipo de discurso público que usava as formas da poesia, especialmente o paralelismo, sendo que este estilo foi adotado pela maioria dos Profetas. A combinação de retórica e poesia, estimulada pelo calor do pensamento profético, transformou o hebraico clássico neste nobre veículo de expressão [...] (Rabin, 1973, p. 42).

A profecia literária bíblica não surge de forma isolada, alheia à realidade do mundo antigo, especificamente do antigo Mediterrâneo Oriental. Há registros de muitos fenômenos proféticos anteriores ao profetismo israelita, como no Egito, na Grécia, em Canaã (especialmente os fenícios) e na Mesopotâmia, destacando-se a cidade de Mari, onde foram encontrados registros proféticos com grandes semelhanças às fontes israelitas. Nissinen

¹ Período entre 1050 e 931 a.E.C., ascendendo no reinado de Saul e atingindo seu apogeu nos reinados de Davi e Salomão.

² Chaim Rabin (1973) aponta três possíveis origens ou influências para essa tradição: a partir da poesia das tribos do norte; a partir de uma corrente poética independente na área de Judá; ou a partir da incorporação dos canaanitas no governo de Salomão, disponibilizando aos israelitas o chamado “patrimônio regular dos poetas canaanitas”, com seus recursos e modelos preexistentes de poesia.

(2017)³, em um estudo comparativo entre as profecias grega, bíblica e do Oriente Próximo, ressalta a dificuldade de encontrar uma categoria comum para esses fenômenos proféticos, mas sugere a possibilidade do que chama de “*common stream of tradition*” (“fluxo comum de tradição”, tradução nossa), diante de algumas semelhanças entre eles. As semelhanças encontram-se na função social da profecia; no contexto socio-religioso; na relevância política; e no caráter extático. Dessa forma, mesmo sendo impossível remontar a uma origem comum, é possível estabelecer que há um nível de influência mútua entre os profetismos.

Ao abordar esse assunto, é crucial considerar que o profetismo em Israel distingue-se em dois fenômenos diferentes: a antiga profecia hebraica e a profecia bíblica ou literária. A antiga profecia hebraica refere-se à expressão oral e à situação real do discurso profético, estando mais vinculada à figura do profeta. Por outro lado, a profecia literária diz respeito ao registro escrito do discurso profético, especialmente nos livros conhecidos como נְבִיאִים אַחֲרֹנִים (*nəvi'im acharonim*, Últimos Profetas), designados por outras tradições como Profetas Clássicos. Esta última forma de profecia, embora também atribuída aos profetas, está mais diretamente ligada ao trabalho dos escribas⁴, os intelectuais e escritores profissionais oriundos da era monárquica. Nissinen (2017, tradução nossa) ressalta que “as profecias escritas e os relatos das atividades proféticas nunca são informações de primeira mão, mas sempre transmitidas por meio de um filtro de escriba”. Tal fato não anula um ofício profético oral (ou mesmo escrito) que precede a redação e edição por um escriba, como exemplificado pela relação entre Jeremias (profeta) e Baruc (escriba), registrada em Jeremias 36.1-4,32. Alguns estudiosos chegam a definir os livros proféticos como antologias, ou seja, compilações de discursos ou poemas individuais, procedentes de uma profecia num estágio oral. Diante de tudo isso, é importante esclarecer que ambos os fenômenos não representam apenas diferentes estágios do profetismo, mas também diferentes manifestações dele, que não se excluem, mas frequentemente se complementam.

Tomando, portanto, a profecia como literatura, é possível defini-la como a sistematização com polimento literário de oráculos⁵ atribuídos a profetas, direcionados a Israel ou a povos adjacentes, com os objetivos de denunciá-los, ajuizá-los ou inspirá-los com promessas, prestando-se a ser porta-voz do Senhor. Para melhor definir, é possível destacar

³ Obra sem paginação, em formato digital. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/25797>.

⁴ O trabalho do escriba poderia ser de transcrição, de edição ou ainda os dois juntos. Os escribas os faziam provavelmente com algum nível de liberdade, diante de um conceito de autoria diferente do atual.

⁵ No âmbito da exegese bíblica, o termo “oráculo” refere-se às unidades básicas que compõem o discurso profético, i.e. os diferentes enunciados e seções dentro de uma profecia, apresentando-se muitas vezes como capítulos dentro de um livro bíblico (Almendra, 2000, p. 1). Entretanto, em outros contextos, também pode referir-se ao momento específico das profecias em que o próprio Deus fala, em 1ª pessoa; ou pode ainda referir-se ao discurso profético como um todo, escrito ou oral, servindo como um sinônimo para “profecia”.

algumas características principais dessas obras. David E. Aune (1996, p. 176) identifica cinco elementos básicos do discurso profético: predição (que pode ser uma ameaça ou promessa), acusação, advertência, autorrevelação divina e motivo. Além disso, os autores proféticos usaram diversos subgêneros textuais em seus oráculos, como exortações, parábolas, alegorias, comparações, bênçãos e maldições, orações, discursos acusatórios, “ais”, hinos e canções. Segundo José Luis Sicre (1996, p. 143), esses subgêneros podem ter origem na sabedoria tribal e familiar, no contexto litúrgico, na esfera judicial ou na vida cotidiana. Outra característica importante é o uso de fórmulas específicas para introduzir ou concluir seções do texto profético. A mais conhecida é a expressão “assim diz o Senhor” (כֹּה אָמַר יְהוָה, *koh 'amar yhv'h*), que integra um discurso divino em primeira pessoa. Existem também fórmulas de mandato, proclamação, oráculo divino, juramento e revelação. O tópico das fórmulas ainda prepara terreno para a introdução de outro recurso típico deste gênero: a repetição, a qual se revela em muitos outros aspectos além do amplo uso das fórmulas, como no paralelismo, que será melhor abordado mais adiante. Muitas dessas características citadas são compartilhadas com outras literaturas proféticas do antigo Mediterrâneo Oriental.

De qualquer forma, as características da profecia literária que despertam principal interesse para o presente trabalho são as essências retóricas e poéticas nela presentes. Para além disso, é concebível afirmar que a retórica e a poesia são a principal característica do gênero profético, pois, ao aprofundar a análise a um nível mais fundamental e de caráter definidor, a profecia literária se adequa exatamente a estes dois supragêneros, conforme respalda Gerald Morris (1996).

A não originalidade e não exclusividade da profecia literária israelita, apesar de tudo, não exclui a sua singularidade. Em um dado momento, sua expressão profética tomou um rumo diferente das profecias canaanitas⁶, distanciando-se cada vez mais no decorrer da história bíblica. Outro ponto distintivo são as proporções que a profecia literária de Israel alcançou. É possível afirmar que o gênero profético bíblico é a mais prototípica e primorosa expressão do hebraico clássico, adquirindo grande importância cultural para a língua, literatura, religião e sociedade. Até mesmo um leitor não habituado percebe a diferença e beleza que se destaca nos livros proféticos em comparação com outros livros bíblicos. A excelência na combinação da retórica e da poesia produziu uma riqueza literária verdadeiramente singular e instigante, digna de cuidadosa análise.

⁶ Fato ilustrado na passagem de 1 Reis 18.20-40, ao fundamentar e retratar uma distinção entre os profetas de Baal e os profetas do Senhor.

2.2 A RETÓRICA NO GÊNERO PROFÉTICO

A retórica, em seu sentido mais simples, pode ser definida como a maneira eficaz de utilizar a linguagem com o fim de persuadir, sempre direcionada a um público e buscando cativá-lo pelas ideias expostas. Mesmo nesse sentido básico, o gênero profético bíblico já se alinha ao gênero retórico, pois se enquadra como discursos⁷ que buscam persuadir ou convencer um público de certos preceitos. Contudo, existem outros aspectos na profecia bíblica que se harmonizam com as definições da retórica.

Aristóteles foi o primeiro a fundamentar a retórica, integrando-a como um dos gêneros literários fundamentais, junto com o épico, o dramático e o lírico. A princípio, é possível definir a retórica a partir do seu propósito, que é, como já mencionado, persuadir. Este é o resultado esperado após um discurso retórico; a verdadeira expectativa é a infusão de ideias nos interlocutores. Para esse fim, a retórica depende de provas. Aristóteles apresenta dois tipos de prova: o exemplo, que desenvolve a retórica de forma indutiva, e o entimema, que desenvolve a retórica de forma dedutiva, através de silogismos. O caminho para a persuasão é a apresentação de provas; sem provas, não há retórica, pois ambas são inseparáveis.

Nesse ponto, é importante frisar que o elemento principal de uma retórica não é a linguagem, mas sim a ideia. Como já descrito, busca-se a infusão de ideias, expondo e embasando essas ideias, tendo a linguagem apenas como um instrumento, não como um fim. Por isso, a retórica se define como a maneira eficaz de utilizar a linguagem em prol de um determinado objetivo. A persuasão deve ser toda pelo que os audientes entendem. Para que as ideias sejam transmitidas com a máxima transparência, a retórica exige o menor número possível de interferências na sua comunicação, inclusive na linguagem. Em outras palavras, a retórica exige clareza, preferindo palavras de uso geral, evitando ambiguidades, mantendo uma sintaxe simples e controlando rigorosamente as figuras de linguagem, principalmente a metáfora.

Para o interlocutor, é enlevante não apenas a coerência da ideia ao ser transmitida ou a transparência com que o retórico a expõe, mas também o conforto de testemunhar um discurso facilmente inteligível. Por isso, Aristóteles chama tanto a atenção para o uso da repetição no gênero retórico, enquanto a retórica clássica categoriza diversos tipos de repetição. Existe um conforto para o público ao ouvir uma frase já conhecida, conferindo-lhe um ar de familiaridade, o que pode ser muito valioso para as pretensões da retórica. No

⁷ Convém esclarecer que o termo “discurso” não se refere apenas a uma performance oral perante uma audiência, mas também a um texto escrito remetido a um público como destinatário.

entanto, o filósofo grego também alerta para o uso moderado desse recurso, pois o exagero pode causar o efeito contrário.

No gênero profético, a repetição se materializa principalmente através do uso das fórmulas, que já foram mencionadas no capítulo anterior. A fórmula é algo comum em discursos retóricos, podendo ser identificada sob outro nome: repetição externa. A repetição interna acontece quando um termo é usado mais de uma vez dentro do próprio texto, mas a repetição externa (ou fórmula) se dá quando uma frase ocorre repetidamente não dentro do próprio texto, mas dentro do próprio gênero. Ou seja, uma frase acaba se tornando típica de vários textos ou de vários discursos que fazem parte de um mesmo gênero. Esse recurso tem o poder de gerar no público as expectativas corretas quanto ao que ouvirá ou lerá a seguir, fazendo-o entrar com mais confiança no próximo assunto a ser tratado. Bons exemplos da repetição externa em contextos cotidianos são frases como “senhoras e senhores” antes de uma apresentação; “era uma vez” no início de contos infantis; ou “atenção, passageiros” em avisos de transporte público. Nos livros proféticos, em especial, é possível observar o uso das seguintes fórmulas nesse propósito: כֹּה אָמַר יְהוָה (*koh 'amar yhv'h*, “assim diz o Senhor”), visto em Jeremias 2.2, Ezequiel 2.4 e Amós 1.3; נְאֻם־יְהוָה (*n'e'um-yhv'h*, “oráculo⁸ do Senhor”), em Ezequiel 12.25, Jeremias 23.1 e Isaías 30.1; e שְׁמַעוּ דְּבַר־יְהוָה (*shim'e'u d'var-yhv'h*, “ouçam a palavra do Senhor”), em Isaías 1.10 e Jeremias 7.2. Essas fórmulas não só demarcam uma seção na profecia, mas também tornam as passagens mais fáceis de entender.

A repetição interna também é um recurso significativo nas profecias literárias. Em Amós, por exemplo, no decorrer dos capítulos 1 e 2, a frase “por três crimes de [nação], e por quatro, não o revogarei” se repete várias vezes, marcando a introdução de oráculos contra diversas nações. Similarmente, em Isaías 9.11, 16, 20 e 10.4, a frase “com tudo isso a sua ira não se amainou, sua mão continua estendida” é repetida, criando um efeito cumulativo e enfatizando a mensagem de julgamento divino.

Além da repetição, a intenção de persuadir é clara nos profetas bíblicos. O papel de um profeta no cenário bíblico é justamente tomar nota de uma mensagem divina para que o Senhor possa, em geral, corrigir ou julgar um povo por meio da sua proclamação. Não é à toa que a maior parte das profecias se desenrolam com base em uma transgressão ou denúncia. É nesse ponto, inclusive, que se observa uma centralidade das ideias no discurso profético, que

⁸ Nesse caso, a palavra “oráculo”, original נְאֻם (*n'e'um*), tem significado mais relacionado com a língua hebraica e não com a exegese bíblica. Esta é uma palavra encontrada predominantemente nos textos proféticos, e sua raiz é usada com rigorosa atenção, pois se refere exclusivamente à fala divina, transmitindo autoridade para aquilo que é dito sob sua menção.

nesse caso, se traduz como um serviço à ideia divina e seus preceitos. Ezequiel 18.30-32 ilustra isso muito bem ao exortar o povo, declarando suas expectativas:

[...] Por isso mesmo eu vos julgarei, a cada um conforme o seu procedimento, ó casa de Israel, oráculo do Senhor Iahweh. Convertei-vos e abandonai todas as vossas transgressões. Não torneis a buscar pretexto para fazerdes o mal. Lançai fora todas as transgressões que cometestes, formai um coração novo e um espírito novo. Por que haveis de morrer, ó casa de Israel? Eu não tenho prazer na morte de quem quer que seja, oráculo do Senhor Iahweh. Convertei-vos e vivereis! (Ez 18.30-32, Bíblia, 2002, p. 1504).

A persuasão por provas também está presente. Em Isaías 41.21-24 (Bíblia, 2002, p. 1318), o Senhor desafia os ídolos a provarem seu poder predizendo eventos futuros: “[...] mostrai-nos o que há de vir em seguida, e saberemos que sois deuses. Ao menos, fazei algo de bom ou mau, de modo que sintamos pavor e respeito!”. Há muitos casos também em que as provas que respaldam o discurso são apresentadas através do testemunho da criação ou de feitos divinos, muitas vezes milagrosos, conforme os relatos proféticos.

Atualmente muitos estudiosos defendem a natureza retórica das profecias literárias. Esses exemplos demonstram que o gênero profético bíblico se harmoniza de fato com o supragênero retórico, utilizando técnicas de persuasão, provas e repetição para transmitir suas mensagens com eficácia. Entretanto, ao analisar a clareza presente nos textos proféticos, percebe-se que eles frequentemente chamam a atenção para sua linguagem, utilizando muitas figuras de linguagem (em especial metáforas), o que pode dificultar a sua transparência. Os livros proféticos muitas vezes se compõem cheios de simbolismo e nuances poéticas. Essa complexidade linguística e protagonismo da linguagem sugerem que, embora o gênero profético utilize técnicas retóricas, ele também se enquadra fortemente no domínio da poesia, com uma riqueza expressiva que vai além da simples comunicação persuasiva.

2.3 A POESIA NO GÊNERO PROFÉTICO

Diferente da retórica, a poesia é mais difícil de definir devido à sua natureza subjetiva e à vasta gama de estudos sobre o tema. Em linhas gerais, a poesia não lida com uma realidade ou objetivo concreto, diferenciando-se substancialmente da retórica. Considerada aqui um supragênero, a poesia corresponde ao gênero lírico na lista dos gêneros fundamentais de Aristóteles. Assim, busca-se uma definição geral que contemple as características essenciais e comuns entre todos os textos de natureza poética.

Quanto ao conteúdo, embora não seja possível limitar a poesia a temas específicos, é possível identificar temas mais recorrentes nas composições poéticas. Eruditos como William

Wordsworth, Samuel T. Coleridge, John Stuart Mill e Ezra Pound teorizam que o elemento comum nos temas poéticos é o sentimento. A poesia é vista como o melhor gênero para expressar assuntos que evocam emoção, tendo sua gênese nos sentimentos, ainda que possa incorporar elementos de outros domínios e se desenvolver de forma elaborada. Gerald Morris (1996) conclui:

Poesia e sentimento não são nem iguais nem inseparáveis. Mas a identificação da poesia com sentimento ajuda a estabelecer alguns parâmetros para uma definição: uma definição satisfatória de poesia deve explicar por que o gênero é tão frequentemente escolhido para descrever objetos profundamente sentidos e para comunicar profunda emoção.⁹ (Morris, 1996, p. 29, tradução nossa).

A poesia também pode ser definida independentemente do conteúdo. Nesse caso, a ênfase está na autorrevelação da poesia, que não depende de um referente externo para ser composta ou definida como gênero. Mesmo que um poema não comunique nada específico, a complexa organização da linguagem, com versos, métricas e rimas, ainda o caracteriza como poesia. Opondo-se à retórica, a poesia não precisa revelar uma ideia externa, mas sim a si mesma, conduzindo o leitor a se deparar com sua complexidade. Mesmo quando o gênero poético desenvolve um tema externo, apresenta-o de forma particular e elaborada, apresentando também seu próprio universo a ser desvendado. Por isso, a poesia frequentemente utiliza figuras de linguagem, linguagem ambígua ou arcaica, não se fazendo clara, mas propositalmente obscura, para chamar a atenção para si mesma.

Outra característica distintiva da poesia são seus dispositivos, como forma versificada, métrica, rimas e ritmo. Embora esses recursos não sejam exclusivos da poesia e nem obrigatórios, eles são tipicamente poéticos e servem a um fim comum, conforme propõe Morris (1996):

[...] Embora ninguém possa seriamente exigir que toda poesia contenha qualquer dispositivo específico, pode-se argumentar que toda poesia é caracterizada por dispositivos que servem a um único propósito distintamente poético. Qual seria, então, esse propósito? Gerard Manley Hopkins fornece a resposta em um fascinante ensaio universitário chamado 'Poetic Diction'. Ele diz: 'A parte artificial da poesia, talvez possamos dizer que todo artifício, se reduz ao princípio do paralelismo' [...].¹⁰ (Morris, 1996, p. 34, tradução nossa).

Como artifício poético, o paralelismo é um jogo de afirmação e resposta, que pode ocorrer entre palavras, versos ou estruturas sintáticas. Em outros termos, é uma forma de

⁹ Poetry and feeling are neither the same nor are they inseparable. But the identification of poetry with feeling does help to set some parameters for a definition: a satisfactory definition of poetry should explain why the genre is so frequently chosen to describe deeply felt objects and to communicate deep emotion. (Morris, 1996, p. 29).

¹⁰ [...] Although no one could seriously demand that all poetry contain any single device, one may be able to argue that all poetry is distinguished by devices which serve a single distinctly poetic purpose. What then is that purpose? Gerard Manley Hopkins provides the answer in a fascinating university essay called 'Poetic Diction'. He says, 'The artificial part of poetry, perhaps we shall be right to say all artifice, reduces itself to the principle of parallelism' [...]. (Morris, 1996, p. 34).

estabelecer pares entre elementos de um texto, onde cada elemento se relaciona com outro de maneira sinônima, antitética, sintética, entre outras. O paralelismo é uma espécie de rima entre conceitos. Esse artifício é especialmente importante para a poesia hebraica e será exemplificado mais tarde. No entanto, a proposta de Hopkins, apoiada por Roman Jakobson, se eleva a um nível mais universal. Para eles, o fim de todos os dispositivos poéticos é o paralelismo, pois cada elemento na poesia exige outro como resposta, seja por similaridade ou dissonância, de maneira que, sem uma resposta, o elemento perde seu sentido. Nessa perspectiva, a rima é o paralelismo dos sons, a metáfora ou a antítese são o paralelismo dos significados, e a versificação o paralelismo das métricas. Toda a poesia segue esse ritmo de afirmação e resposta, encadeando todas as suas partes.

Em uma última análise, é possível observar o encontro entre o som e o sentido na poesia, o que implica que a forma¹¹ da poesia também é significativa, não apenas sua camada semântica. Em contraposição à visão comum de que o aspecto formal deve refletir o sentido, Morris (1996) postula que na poesia coexistem dois níveis diferentes de significado, que por vezes podem ser equivalentes, mas outras não. Muitas vezes, por exemplo, a sintaxe ou a semântica são deformadas por conta de um aspecto rítmico da poesia, e isso não ocorre por acaso. Na verdade, dentro da poesia, essa deformação cria uma ordem de sentido especial.

O primeiro a fundamentar uma natureza poética dos livros proféticos foi o professor e bispo inglês Robert Lowth, em 1753. Um dos seus argumentos é o emprego da palavra נָבִיא (*navi'*), o principal termo para se referir aos profetas, sendo usada para se referir aos cantores do templo em 1 Crônicas 25.1, evidenciando uma possível interseção entre os dois ofícios no antigo Israel. Outro forte argumento de Lowth é a discussão sobre os paralelismos na literatura profética, que reconhecidamente é um dispositivo poético da língua hebraica. De qualquer forma, é possível enquadrar as profecias no gênero poético, de maneira mais superficial, principalmente pela sua forma e pelos dispositivos que são usados na sua composição (os mesmos dos salmos, que indubitavelmente são poesia).

Lowth, Hopkins, e Jakobson compartilham a visão de que o paralelismo é central para a poesia hebraica. Lowth observa que a raiz ע-נ-ה (*ayin-nun-hey*), geralmente associada à “resposta”, também se refere à poesia. De fato, a poesia hebraica leva tão a sério o paralelismo que adequa toda sua expressão poética a esse tropo. Um verso hebraico, por conta disso, é composto por duas ou três linhas. Cada verso constitui uma unidade poética quando uma relação paralelística é estabelecida entre as linhas. Se o paralelismo é a correspondência

¹¹ Ou seja, a configuração de elementos como versificação, ritmo, rima, métrica, estrofes e esquemas de rima, que juntos criam a experiência poética visual e sonora. Estes aspectos são mais sobre a estética da poesia.

entre elementos, cada linha contém um desses elementos, enquanto o verso reflete essa correspondência, ou seja, a estrutura paralelística. Esta definição de verso difere bastante da definição ocidental, que tradicionalmente se baseia na métrica.

As profecias são escritas em versos e Isaías 1.18 demonstra bem essa definição. Suas três primeiras linhas integram um primeiro verso, introduzindo um novo assunto na primeira linha e, depois, conectando dois conceitos antitéticos nas duas últimas; já as outras duas linhas compõem um segundo verso, estabelecendo a mesma relação antitética presente nas linhas anteriores:

Então, sim, poderemos discutir, diz Iahweh:
Ainda que vossos pecados sejam como escarlate,
tornar-se-ão alvos como a neve;
ainda que sejam vermelhos como carmesim,
tornar-se-ão como a lã. (Is 1.18, Bíblia, 2002, p. 1255).

Este é um exemplo significativo também por evidenciar o paralelismo não só dentro dos próprios versos, mas também entre os versos, criando, assim, um paralelo estrutural. Além disso, atesta a presença de temas mais emotivos na literatura profética, explorando em geral a relação entre Deus e o ser humano, que nesse caso específico trata da misericórdia.

Com tudo isso, o gênero profético satisfaz boa parte do proposto pela poesia, mantendo, por exemplo, uma linguagem bem elaborada e muitas vezes obscura. No entanto, deixa a desejar quando, ao chamar a atenção para si, não o faz de forma indiferente ao conteúdo. Uma profecia precisa ter uma ideia externa bem definida, pois, do contrário, se torna apenas uma pregação sem sentido e sem fundamento.

2.4 RETÓRICA E POESIA: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL?

A diferença essencial entre os dois gêneros está no fato de que a retórica e todos seus recursos servem a um propósito externo, enquanto a poesia, com todos os seus recursos, serve a um propósito interno, dentro dela mesma. Disso deriva a insistente intenção de clareza na retórica, buscando ser transparente e objetiva, para que a linguagem sirva ao seu propósito elementar de referir-se a coisas do mundo. Por outro lado, a poesia negligencia essa transparência, pois quanto mais opaco e obscuro se torna um texto, mais atenção ele chama para si e mais há para desvendá-lo.

Morris (1996) observa que uma poesia frequentemente parece difícil de ser interpretada porque essa é justamente sua pretensão. Mesmo quando o leitor finalmente interpreta um poema, ele não sente que o interpretou de todas as maneiras possíveis. Uma

poesia, no auge da sua efetividade, provoca catarse, evocando profundos e novos sentimentos ao leitor, e isso por si só já é um processo exaustivo.

Em relação à retórica, o autor enfatiza como o gênero procura guiar o interlocutor por um caminho simples, avançando de forma pausada e controlada, fazendo conexões lógicas até chegar a uma ideia única e central. Existe apenas um significado desejado, e a retórica é o percurso por onde se chega até ele.

A retórica existe para algum propósito externo; a poesia, para seus próprios fins. A retórica busca persuadir; a poesia, revelar. A retórica oferece provas; a poesia, implicações. A retórica segue um esboço empírico ou lógico; a poesia conecta suas unidades a esmo [...]. A retórica exige clareza; a poesia é, no mínimo, indiferente à clareza e muitas vezes se deleita com a ambiguidade. A retórica usa palavras que seu público deve entender; a poesia usa palavras arcaicas, estrangeiras e neologismos. A retórica tenta desaparecer em sua mensagem para que suas palavras e artifícios permaneçam ocultos; a poesia expõe suas palavras e artifícios, chamando descaradamente a atenção para eles.¹² (Morris, 1996, p. 43, tradução nossa).

Contudo há uma contraprova significativa diante dessa questão: o próprio gênero profético. De alguma maneira, esses dois gêneros quase antagônicos convivem de forma harmoniosa nas composições proféticas. Ambos interagem entre si e muitas vezes até se confundem em seus dispositivos, mas sempre de maneira heterogênea, como água e óleo, que permanecem em um mesmo recipiente de modo separado e com seus limites bem definidos. Portanto, o termo mais adequado não é “interseção”, mas sim “coexistência”.

É interessante notar como diversas análises sobre a natureza dos livros proféticos chegaram a resultados tão diferentes, porém válidos na mesma medida. A retórica e a poesia são atribuídas ao gênero profético por vários estudiosos, mas de forma separada, de maneira que suas análises sempre esbarram em questões incompatíveis com o gênero focado. O método e a proposta levantados por Gerald Morris (1996) tentam resolver justamente essa polarização, não assumindo um gênero em detrimento do outro, mas observando com qual gênero um determinado livro profético se alinha, podendo ser mais poético ou mais retórico. A partir dessa observação, o livro será lido e interpretado de maneira mais coerente. Essa abordagem não nega as duas vertentes, mas as aceita como igualmente verdadeiras e propõe uma espécie de espectro aplicável às profecias literárias.

Como essa coexistência é possível talvez não tenha resposta, mas a constatação de que ambos os gêneros coexistem e a natureza dessa coexistência poderão ser melhor exploradas e

¹² Rhetoric exists for some external purpose; poetry for its own ends. Rhetoric seeks to persuade; poetry to reveal. Rhetoric offers proof; poetry, implication. Rhetoric follows either an empirical or a logical outline; poetry connects its units willy-nilly [...]. Rhetoric demands clarity; poetry is at least indifferent to clarity and often delights in ambiguity. Rhetoric uses words which its audience should understand; poetry uses archaic words, foreign words and neologisms. Rhetoric tries to disappear into its message so that its words and devices remain hidden; poetry lays bare its words and devices, brazenly calling attention to them. (Morris, 1996, p. 43).

afirmadas nos capítulos seguintes, a partir da análise do livro de Joel. A repetição é um dos dispositivos comuns à retórica e à poesia e será objeto de análise no livro de Joel para determinar se esse dispositivo serve ao propósito de elucidar ou de tornar o texto mais complexo. A partir disso, as nuances latentes de retórica e poesia serão melhor tratadas, observando como esses gêneros se organizam ou se colidem dentro da profecia.

3 A PROFECIA RETÓRICO-POÉTICA DE JOEL

3.1 DATAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO DE JOEL

O livro é nomeado como יוֹאֵל (*Yo'el*) na Bíblia Hebraica (תנ"ך, *tanach*) e compõe o grupo dos נְבִיאִים אַחֲרֹנִים (*nevi'im acharonim*, Últimos Profetas), dentro do chamado תְּרֵי עָשָׂר (*t'rei 'asar*, Livro dos Doze). Os elementos extrínsecos que o texto de Joel fornece são escassos. A única informação que há sobre uma possível autoria está no primeiro versículo, o qual diz que a Palavra do Senhor veio a Joel, acrescentando que o profeta descendia de *Petu'el* (פְּתוּאֵל). Todas as outras informações, como sua localização ou idade, são suprimidas. Uma situação temporal da redação seria capaz de oferecer pistas valiosas para responder a algumas questões, ou ao menos restringir as possibilidades. Entretanto, o livro é ainda menos eloquente quanto à sua data. Essa lacuna temporal, por consequência, suscitou uma série de argumentos e teorias sobre a datação da sua redação ao longo dos anos. Em geral, são propostos quatro períodos para a época do livro (Pettus, 1992): pré-exílico anterior (séc. IX a.E.C.), pré-exílico médio (séc. VIII a.E.C.), pré-exílico tardio (aprox. séc. VII a.E.C.) e exílico ou pós-exílico (entre os sécs. VI e II a.E.C.)¹³.

O período pré-exílico anterior surge como teoria em 1831, com o teólogo Karl August Credner¹⁴. Seu principal argumento é que, sendo costume a menção de um monarca nos prólogos dos textos proféticos, a ausência de menção a um rei no livro decorreria do período da menoridade do rei *Yo'ash* (יֹאָשָׁה), durante o século IX a.E.C., quando Judá estava sob a regência de *Yehoyada'* (יְהוֹיָדָע), sumo sacerdote e tio de *Yo'ash*. Essa teoria sugere que Joel seria um dos mais antigos profetas e pioneiro entre os profetas literários.

A teoria do período pré-exílico médio, originada no século XX¹⁵, baseia-se principalmente na tradição judaica, além de alguns argumentos geopolíticos¹⁶. Para essa perspectiva, a colocação específica de Joel entre os doze profetas, atribuída pelos editores canônicos e endossada pelo testemunho massorético¹⁷, parece ser significativa para a questão da datação, além de refletir a crença corrente na época em que o cânone foi formado. O livro

¹³ A menção ao “exílio” na história bíblica de Israel refere-se prevalentemente ao exílio babilônico, entre 586 e 538 a.E.C., um marco divisório significativo na narrativa do povo judeu, com grande influência na sociedade, cultura e religião.

¹⁴ Endossada por Conrad von Orelli, E. J. Young, Gleason Archer e Miloš Bič.

¹⁵ Endossada por Douglas Stuart, F. W. Farrar, John D. Davis e Josef Schmalohr.

¹⁶ P. ex., a não menção à Síria, denunciada pelos profetas do sul durante o reinado de Acaz, em contraste com a menção e condenação ao Egito (Joel 4.19), em conformidade com a profecia de Oseias (Oseias 7.11; 12.1-2). A Assíria não teria sido mencionada por estar em declínio e a Babilônia, por estar em ascensão.

¹⁷ Nome dado ao coeso grupo de manuscritos desenvolvidos pelos escribas judeus da Idade Média, sendo de importância ímpar para a cultura e transmissão da língua e da bíblia hebraicas (Francisco, 2008).

de Joel se posiciona justamente entre os livros de Oseias e Amós, ambos do século VIII a.E.C., sugerindo assim sua datação para esse período.

A teoria que data o texto de Joel para o período pré-exílico tardio¹⁸ distingue-se por situar o livro precisamente entre a queda do Reino do Norte (Israel), em 722 a.E.C., e a queda do Reino do Sul (Judá), em 586 a.E.C. Essa visão contextualiza o livro no século VII a.E.C., apontando supostos eventos históricos contemporâneos e a menção do termo “Israel” para referir-se a Judá, como em Joel 2.27 e 4.2.

A datação do livro nos períodos exílico ou pós-exílico engloba teorias que, em comum, postulam a redação após a queda do Reino do Sul. Originando-se com Wilhelm Vatke, em 1835, é a opinião predominante entre os estudiosos, abrangendo datas do século VI ao século II a.E.C.¹⁹ Seus argumentos giram em torno da interpretação de Jl 4.1-2 como uma alusão à queda de Jerusalém; de eventos geopolíticos no livro evidenciando o domínio persa (549 a 331 a.E.C.); e de aspectos que procederiam da comunidade teocrática pós-exílica, como a ausência de menção a um rei, o domínio sacerdotal e a prática cültica com ênfase positiva.

A ilustração a seguir situa as teorias em uma linha do tempo:

Linha do tempo 1 – Teorias de datação para o livro de Joel



Verifica-se, portanto, que os limites para a datação de Joel são difusos, podendo figurar qualquer época numa janela de oito séculos. Nesse cenário, frente a tantas opções, é relevante reputar o silêncio proposto pelo próprio autor sobre o tópico. Isso não significa descartar por completo o contexto da profecia, mas assumi-lo de modo a influenciar a análise da obra apenas sutilmente, na mesma proporção da contextualização proposta pelo autor. Não é um caso de uma possível desatenção da parte do autor, dada a minuciosidade literária, tampouco de um contexto compartilhado entre os interlocutores, considerando a consciência e

¹⁸ Endossada por Arvid S. Kapelrud, Carl-Albert Keller, Klaus Koch e Wilhelm Rudolph.

¹⁹ Gösta W. Ahlström: 515 a 445 a.E.C.; Jacob M. Myers: c. 500 a.E.C.; Hans Walter Wolff: 445 a 343 a.E.C.; F. R. Stephenson: 350 a.E.C.; Marco Treves: 323 a.E.C.; Bernhard Duhm: séc. II a.E.C.

intenção do autor de que seu texto seja transmitido a futuras gerações, como demonstra Jl 1.2-3:

Ouvi isto, anciãos,
 escutai vós, todos os habitantes da terra!
 Sucedeu, acaso, tal coisa em vossos dias,
 ou nos dias de vossos pais?
 Contai-o a vossos filhos,
 vossos filhos a seus filhos,
 e seus filhos à geração seguinte. (Jl 1.2-3, Bíblia, 2002, p. 1604)

Com efeito, o livro concentra-se essencialmente em seu conteúdo e em sua mensagem, tornando característico e intencional a reticência temporal. Como diz Stewart (1962, p. 639, tradução nossa), a obra “denota um sabor judaico, mas intrinsecamente preocupada com questões maiores que a política contemporânea”²⁰. Estabelece-se, assim, a partir desta análise, a prescindibilidade do contexto para a inscrição do livro de Joel em um recorte de tempo específico.

A consideração dos testemunhos da tradição judaica é outro ponto importante nesse cenário. Apesar de não haver consenso quanto ao critério usado pelos editores canônicos para a ordenação dos livros, é seguro assumir a existência de um substrato cronológico no Livro dos Doze. Sobre o assunto, Fernandes (2022)²¹ aponta que um dos objetivos do livro de Joel, ao mencionar o Dia do Senhor (יום יהוה, *yom yhv*) é “ambientar e preparar o ouvinte-leitor para que entreveja, dentro da sequência canônica dos Doze Profetas [...], a lógica desse anúncio [...]”. Sendo, portanto, o contexto, o próprio texto e sua transmissão produtos dessa cultura, é coerente dar preferência a essa tese. Nesse sentido, uma datação tardia para Joel seria implausível, pois uma redação mais recente estaria mais presente na memória dos editores canônicos e, portanto, menos envolta em incertezas. Como visto, há múltiplos testemunhos da cultura judaica que corroboram essa condição, tornando viável afirmar que sua postura é, de fato, uma datação pré-exílica média.

Com base nesses dois argumentos endógenos, a posição assumida neste trabalho quanto à datação do livro de Joel define-se como um vago período pré-exílico. Assim, a reticência temporal proposta pelo autor do texto bíblico permanece como princípio para análise do livro, respeitando-se, contudo, a delimitação pré-exílica do âmbito cultural. A partir disso, presume-se um contexto histórico para Joel no qual a monarquia estava dividida e o Reino do Sul atuante, pois Judá é o destinatário da mensagem; uma tensão de constantes e

²⁰ “[...] betraying a Judaeon flavour, but intrinsically concerned with bigger issues than contemporary politics.” (Stewart, 1962, p. 639).

²¹ Obra sem paginação, em formato digital. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2750>.

iminentes ameaças de invasão ou exílio; uma prática cültica idólatra, alvo de muitas denúncias proféticas; e uma sociedade marcada pela corrupção e negligência social.

3.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS E ESBOÇO DA PROFECIA DE JOEL

Escrito em versos, o livro de Joel se destaca pela sua dramaticidade e particularidades. O que parece levar a pena à mão do profeta não é um pecado explícito, como geralmente ocorre nas profecias, mas uma desolação. Por conta disso, o tópico frasal da mensagem não é uma transgressão, mas uma catástrofe. Sua profecia se desenrola a partir deste evento, com a finalidade de expor a ação divina por trás dos acontecimentos passados e futuros.

O tema central que permeia todo o livro do profeta Joel é o anúncio do Dia do Senhor. Apesar da tendência geral de estabelecer uma dicotomia para dividir o livro, é a partir de uma chave unitária que se deriva toda estrutura e esboço da profecia. É fundamental ter em vista que toda a palavra do profeta se presta a anunciar diferentes nuances do Dia do Senhor. Desta forma, o livro de Joel pode ser dividido da seguinte maneira, com duas diferentes ênfases na mensagem do Dia do Senhor: capítulos 1 a 2 - profecia restrita a Judá; capítulos 3 a 4 - profecia universal ou gentia, sendo o capítulo 3 um elo de transição. Dentro desses parâmetros, o esboço do livro de Joel é definido da seguinte forma:

Tabela 1 - Esboço do livro de Joel

Dia do Senhor							
Profecia restrita a Judá					Profecia universal ou gentia		
A 1.2-12	B 1.13-20	C 2.1-11	D 2.12-18	E 2.18-27	F 3.1-5	G 4.1-17	H 4.18-21
Catástrofe e desolação de Judá.	Apatia, ordem penitencial e clamor ao Senhor.	Descrição teológica da catástrofe (com metáforas) e “sacudida de ânimo” a Judá.	Início do oráculo divino. Ordem penitencial (com metáforas) pautada na sinceridade	Resposta do Senhor e declaração da reversão da situação pelas bênçãos.	Efusão do Espírito e ampliação da aplicação do Dia do Senhor. Transição: restrita - universal.	Litígio e sentenças contra os povos opressores de Judá.	Reversão do cenário inicial, com ênfase em Judá. Síntese e finalização da mensagem.
	1º anúncio do Dia do Senhor	2º anúncio do Dia do Senhor			3º anúncio do Dia do Senhor		

Nota-se que a parte da profecia restrita é costurada pelo profeta através de um jogo paralelístico estrutural, em que C ecoa A e D ecoa B. Dessa forma, instaura-se uma expectativa e uma tensão ao longo da narrativa. Tal construção gera uma ânsia por uma resolução desse drama judaico, que finalmente é oferecida em E, através da resposta do Senhor. Por esse motivo, separar a seção D da seção E, como geralmente é feito numa divisão dicotômica, é incoerente e prejudicial para a literatura.

Outro ponto a ser destacado dentro do esboço é que, sendo esta uma profecia judaica, em favor de um público judaico, parece claro que um dos objetivos do profeta é trazer ânimo ao povo ao elucidar teologicamente a catástrofe no seu desenvolvimento e ao apresentar um ambiente totalmente renovado no fim da mensagem. A conclusão se liga firmemente à introdução, trazendo um cenário totalmente novo, onde o que era desolado tornou-se fértil e o que tinha poder, tornou-se subjugado. Tudo em favor de Judá. Como diz Barton e Muddiman (2001, p. 579, tradução nossa): “[...] com Joel, o poder destrutivo da manifestação é meramente o pano de fundo inevitável para bênçãos renovadas”²².

Em termos gerais, o estilo da profecia de Joel é caracterizado por suas minuciosas e pitorescas descrições, imbuídas de seu substrato dramático, conforme exemplificado mais adiante. As descrições são profundamente gráficas e eficazes na criação de imagens, não apenas para conceituação de objetos e personagens, mas também para cenários dinâmicos, como os apocalípticos, de invasão e de guerra. Stuart (1988) pontua que Joel é apocalíptico, mas não estritamente visionário, assemelhando-se, assim, a Isaías. Como já mencionado anteriormente, a constante universalização da mensagem é outra característica do livro de Joel. A maneira sistemática como essa expansão do público-alvo é empregada, tanto dentro de cada seção, desde o primeiro capítulo, quanto na profecia como um todo, torna-se uma marca distintiva do estilo do profeta.

A natureza poética de Joel pode ser verificada através do uso de paralelismos, como no trecho a seguir, que comprova tanto sua estrutura em versos, quanto sua criação de imagens:

Diante dele a terra se comove,
os céus tremem
o sol e a lua escurecem
e as estrelas perdem o seu brilho!
Iahweh levanta a sua voz
diante do seu exército!
Sim, seu acampamento é muito grande,
o executor de sua palavra é poderoso.
Sim, o dia de Iahweh é grande,

²² “[...] with Joel, the destructive power of the manifestation is merely the unavoidable background for renewed blessings.” (Barton; Muddiman, 2001, p. 579).

extremamente terrível!
Quem poderá suportá-lo? (Jl 2.10-11, Bíblia, 2002, p. 1607)

No trecho original é possível perceber, ainda, uma assonância ocorrendo através da repetição do som de ר (*resh*, som de “r” vibrante), de ש (*shin*, som de “sh/ch”) e de ו (*shuruk*, som de “u”), criando uma espécie de ritmo imposto pela estrutura paralelística, como nas duas primeiras linhas, ou na terceira e na quarta linhas, que compartilham uma mesma estrutura frasal: *לְפָנַי רָגְזָה אֶרֶץ / רָעְשׁוּ שָׁמַיִם / שְׁמֶשׁ וְיָרֵחַ קָדְרוּ / וְכֹכָבִים אָסְפוּ נִגְהָם* (*l'fanav rag'zah 'eretz / ra'ashu shamaim / shemesh v'yareach kadaru / v'chochavim 'asfu nageham*).

Já no trecho seguinte, Jl 2.12-14, apesar de ser possível identificar outros elementos poéticos, seu principal destaque é o caráter apelativo, que evidencia uma natureza retórica:

“Agora, portanto,
– oráculo de Iahweh –
retornai a mim de todo vosso coração,
com jejum, com lágrimas e gritos de luto”.
Rasgai os vossos corações,
e não as vossas roupas,
retornai a Iahweh, vosso Deus,
porque ele é bondoso e misericordioso,
lento para a ira e cheio de amor,
e se compadece da desgraça.
Quem sabe?
Talvez ele volte atrás, se arrependa
e deixe atrás de si uma bênção,
oblação e libação para Iahweh, vosso Deus. (Jl 2.12-14, Bíblia, 2002, p. 1607)

Há aqui um expresso uso da fórmula נְאֻם־יְהוָה (*ne'um-yhvh*, “oráculo do Senhor”), já citada anteriormente. O autor profético deixa bem claro, nesse caso, qual é o seu objetivo, que tem um referente externo bem definido: que o povo mude de direção e se volte ao Senhor, através da penitência. O trecho segue uma sequência lógica: primeiro, chamando ao arrependimento; segundo, explicando a maneira correta de se arrepender; e, terceiro, expondo uma razão para se arrepender. Através dessa estrutura e das provas do caráter benigno de Deus, a intenção persuasiva da profecia de Joel se torna manifesta.

3.3 LIVRO DE JOEL: MAIS RETÓRICO OU MAIS POÉTICO?

O objetivo deste capítulo não é definir se Joel é exclusivamente retórico ou poético, pois sua dupla natureza já foi verificada no capítulo anterior. Em vez disso, este capítulo busca situar o livro profético mais próximo de uma natureza ou outra, com foco no recurso da repetição.

Também não é a pretensão explorar exaustivamente todas as repetições presentes em Joel, ou tratar esse recurso de forma isolada. A repetição será analisada em manifestações

significativas, tanto na estrutura quanto em palavras específicas, para evidenciar um viés mais retórico ou mais poético. Isso será feito tomando as definições de retórica e poesia já feitas e observando a que fim o recurso de repetir e outras características se prestam: para elucidar ou para tornar mais complexo.

Nas repetições externas, Joel apresenta o uso de diversas fórmulas proféticas, além daquela apontada no último capítulo. Entre elas, destacam-se *תִּקְעוּ שׁוֹפָר*²³ (*tik'e'u shofar*, “tocai a trombeta”) em Jl 2.1, 15 e, obviamente, *יִום יְהוָה* (*yom yhv'h*, “Dia do Senhor”) vista em 1.15, 2.1, 11, 3.4. O caso do “Dia do Senhor” é especial porque sua repetição, além de ser externa, também é interna, aparecendo várias vezes dentro do próprio livro. Além disso, é também um claro indicativo de que o profeta quer insistentemente lembrar da centralidade da sua mensagem, num teor claramente retórico. A presença dessas fórmulas indica, assim, um viés mais retórico, pois essas estruturas trazem conforto e inteligibilidade aos interlocutores, como já foi discutido anteriormente.

O uso da fórmula *כַּאֲשֶׁר אָמַר יְהוָה* (*ka'asher 'amar yhv'h*, “como o Senhor falou”), em Jl 3.5, ligeiramente diferente da usual (*כֹּה אָמַר יְהוָה*, *koh 'amar yhv'h*) pode ter ocorrido devido à data de redação do livro ser possivelmente mais próxima do desenvolvimento do hebraico clássico, onde termos específicos eram usados intencionalmente para demarcar a própria língua, como é o caso de *אֲשֶׁר* (*'asher*). Isso pode evidenciar até mesmo uma forma embrionária da fórmula. Mas também pode relacionar-se à natureza poética, sendo uma variação no lugar de uma repetição, um artifício poético que repete termos de forma diferente. Além disso, a escolha do uso de *אֲשֶׁר* (*'asher*) pode justificar-se pela repetição desse exato termo logo adiante no mesmo versículo: *אֲשֶׁר יְהוָה קֹרָא* (*'asher yhv'h kore'*, “que o Senhor chama”), o que seria mais uma justificativa para um viés poético.

A repetição externa também se manifesta pela poesia hebraica tradicional através do uso de pares ou trios preestabelecidos de palavras. Esse é um caso muito comum nos salmos e que também é verificado em Joel. Por exemplo, o trecho de Jl 4.16 traz “Iahweh ruge de Sião, / e de Jerusalém levanta a sua voz: / os céus e a terra tremem! [...]” (Bíblia, 2002, p. 1611). O par *שָׁמַיִם* (*shamayim*, “céus”) e *אֶרֶץ* (*'aretz*, “terra”) é notável desde o primeiro versículo bíblico e também é visto em salmos como 89.12, 96.11, 102.26, entre outros. É o mesmo caso de Jl 1.10: “o campo está devastado, / a terra está de luto, / porque o grão está devastado, / o mosto falta, / o óleo seca” (BÍBLIA, 2002, p. 1604). Aqui, há o par *שָׂדֶה* (*sadeh*, “campo”) e *אֲדָמָה* (*'adamah*, “terra”, “solo”), e o trio *דָּגָן* (*dagan*, “grão”), *תִּירוֹשׁ* (*tiros'h*, “mosto”, “vinho

²³ O termo se comprova como um artifício de repetição externa ao aparecer também em Jeremias 4.5, 6.1, 51.27 e Oseias 5.8.

novo”) e יִצְהָר (*yitz’har*, “óleo”). Essas ocorrências aproximam Joel da poesia tradicional. Nesses casos, apesar de fórmulas, essas construções servem muito mais a um recurso paralelístico (ou seja, poético) do que de clareza.

Partindo para as repetições internas, há um caso curioso que guarda certa semelhança com estes citados acima: o par מִנְחָה וְלִבָּאֵה (*min’chah vanesech*, “oblação e libação” ou “oferta de grãos e oferta de bebidas”), que ocorre em 1.9: “oblação e libação foram suprimidas / da casa de Iahweh [...]” (Bíblia, 2002, p. 1604); em 1.13: “[...] porque foram afastadas da casa de vosso Deus / a oblação e a libação” (Bíblia, 2002, p. 1605); e ainda em 2.14: “[...] talvez ele volte atrás, se arrependa / e deixe atrás de si uma bênção, / oblação e libação para Iahweh, vosso Deus” (Bíblia, 2002, p. 1607). A construção dessa fórmula em par não é usada de forma semelhante em nenhum outro livro profético, seja em poesia ou em contexto similar. A união dos dois termos parece ser mais por motivo religioso do que poético (ex. Levítico 23.18). No entanto, o autor de Joel, criativamente, faz desses termos uma fórmula em par, repetida internamente em sua profecia. Este tipo de repetição tem forte tradição e estilo poéticos, porém, nesse caso, tem sua gênese no discurso injuntivo, religioso e legislativo da *Torah*, e não na tradição intelectual da poesia da monarquia unida. Este é o primeiro caso em que a retórica e a poesia parecem coexistir em um mesmo tropo. O referente externo é claro e oriundo das leis, mas a repetição e criatividade são poéticas.

A enumeração dos gafanhotos é mais um exemplo de repetição interna. Nesse caso, trata-se de uma variação, um tipo de repetição exclusivo da poesia: “O que o *gazam* deixou, o gafanhoto o devorou! / O que o gafanhoto deixou, o *yeleq* o devorou! / O que o *yeleq* deixou, o *hasil* o devorou!” (Jl 1.4, Bíblia, 2002, p. 1604). Esses mesmos nomes são repetidos internamente em Jl 2.25, quando trata da reversão da tragédia pelas bênçãos. Cada termo desse refere-se a um tipo específico de gafanhoto, mas não parece que realmente os gafanhotos se revezaram para devorar a colheita, o que reforça mais ainda a natureza poética do trecho. O texto faz um paralelismo sintético, mantendo uma mesma estrutura, porém mudando os agentes. Essa cadência tende a trazer uma complexidade para a descrição da catástrofe, de forma lentamente progressiva, cada vez mais aprofundando o nível da destruição conforme aprofunda também, em variação, a imagem do inimigo.

Há também repetição em Joel a nível estrutural, como já mencionada no capítulo anterior: o paralelismo entre as seções A e C e entre as seções B e D. A princípio, essa repetição serve para explicar, pois o autor retoma assuntos já tratados anteriormente, agora com a intenção de trazer novas camadas a eles e, principalmente, de lhes trazer sentido divino e relacioná-los com o Dia do Senhor. É por esse motivo que, antes de entrar nas seções C e D,

há o uso da fórmula “tocai a trombeta”, e logo em seguida há o anúncio do Dia do Senhor. Por essa perspectiva, a repetição é retórica. No entanto, o autor tenta elucidar através de linguagem rebuscada e metafórica, o que já o transporta para um viés mais poético. Se no capítulo 1 a descrição dos gafanhotos trata de uma imagem mais factível, com a poesia invadindo somente o campo lexical, no capítulo 2 ela já ganha essa outra forma e adentra o campo da figura de linguagem:

Diante dele o fogo devora,
atrás dele a chama consome.
Antes dele, a terra era como um jardim de Éden,
depois dele será um deserto desolado!
Nada lhe escapa!
Seu aspecto é como o de cavalos,
galopam como ginetes.
É como o ruído de carros de guerra,
que saltam sobre os cumes das montanhas,
como o crepitar do fogo, que devora o restolho,
como um povo poderoso, preparado para a batalha. (Jl 2.3-5, Bíblia, 2002, p. 1606)

Dessa forma, a retórica parece estar mais concentrada nas primeiras descrições da catástrofe e do apelo à penitência, sendo mais objetivas (apesar de já conterem artifícios poéticos), enquanto as repetições posteriores parecem vir não mais imbuídas de retórica, e sim de poesia. Além disso, essa repetição e esse paralelismo que atingem até mesmo a estrutura da profecia, não se limitando a léxicos ou a estruturas sintáticas iguais, são significativos e tornam o texto muito mais poético.

O livro de Joel, ao ser analisado por sua natureza retórica e poética, revela uma predominância leve da poesia, principalmente devido à sua forma e estrutura coerentes com este gênero. Joel demonstra uma habilidade notável em unir sentimentalismo e persuasão, apelando aos sentimentos de seu público para transmitir sua mensagem. Sua utilização de provas baseadas no caráter benigno de Deus e a constante convocação do povo enfatizam a natureza emocional de sua profecia, evidenciando a intenção de provocar uma comoção nacional.

A descrição dramática de cenários desoladores e o apelo à penitência em Joel 2.12-13 são exemplos claros de como o profeta utiliza a emoção como ferramenta de persuasão. Embora o uso de sentimentos para convencer não seja exclusivo da poesia, esta estratégia desvia-se da objetividade e lógica que caracterizam a retórica pura. Joel não se contenta em apenas transmitir uma mensagem; ele visa a infundir sentimentos profundos em seu público, como penitência, conversão e, eventualmente, animação.

A presença de fórmulas proféticas e o constante uso de paralelismos ressaltam a tensão entre as naturezas retórica e poética no livro. No entanto, é a maneira como Joel infunde

sentimentos e utiliza repetições significativas que inclina a balança levemente para o lado da poesia. Ainda assim, a obra mantém uma forte tensão retórico-poética, sendo um excelente exemplo da dupla natureza do gênero profético em ação.

Portanto, apesar de sua inclinação poética, Joel permanece um texto que desafia as categorizações rígidas, demonstrando uma harmonia complexa entre retórica e poesia. Essa mistura torna o livro não apenas mais poético, mas também um exemplar único para o estudo da profecia como um gênero híbrido e dinâmico. A conclusão é que Joel tenta persuadir o povo do Dia do Senhor infundindo neles sentimentos de penitência, conversão e, depois, de animação na parte final da profecia, consolidando sua mensagem com uma carga emocional profunda.

3.4 A TENSÃO RETÓRICO-POÉTICA

Após a definição do item anterior e situar Joel no espectro da retórica e poesia, fica claro que o livro está praticamente em um equilíbrio perfeito, levemente mais poético. Isso permite propor não apenas a assunção de uma tensão intrínseca nos livros proféticos, mas até a concepção de um novo gênero, realmente original e único, desenvolvido em Israel. Ressalta-se que essa proposta não é exaustiva, considerando a ausência de uma pesquisa abrangente sobre todos os gêneros proféticos e discursivos antigos neste trabalho.

Entretanto, ainda assim, é preciso reconhecer que os livros proféticos, por conterem tanto poesia quanto retórica em todos eles em algum nível, lidam com uma constante tensão. Essa característica confere-lhes o status de um espectro. É como se houvesse uma dinâmica, um movimento latente, quase como uma bomba, circulando dentro dos livros proféticos. Seus referentes são claros e objetivos, mas sua comunicação é geralmente feita de forma a chamar a atenção para si mesma. Essa é a característica padrão de todos os livros, com exceção de Jonas. A diferença reside no grau de afiliação a um lado ou a outro do espectro. Porém, a tensão está sempre presente e latente em todos.

Ao observar com qual gênero o livro tem mais afinidade, é possível abordá-lo ou respeitá-lo como poesia ou retórica, sempre com a sensibilidade de que o outro gênero pode emergir a qualquer momento. No extremo do espectro, será um livro retórico com interferências poéticas ou um livro poético com interferências retóricas. Mesmo assim, assumir o livro como majoritariamente poético ou retórico, após uma análise sensível dos seus dispositivos, pode ser muito relevante e proveitoso para a leitura do livro profético. Quando o

gênero de um texto é compreendido corretamente, é possível extrair o máximo dele e a comunicação será mais verdadeira.

Arriscando uma exploração pela reconstrução das profecias originais, a tensão retórico-poética pode refletir uma tensão entre a profecia antiga hebraica e a profecia literária. A cultura judaica se revelou extremamente oral, e o registro escrito dessas performances orais poderia resultar em algo exótico em relação aos costumes da época. Parece mais coerente definir que essa tensão provavelmente não ocorre devido a uma intenção deliberada de misturar retórica e poesia pelos escritores e profetas israelitas, mas sim de maneira accidental. A retórica e a poesia são resultados de análises posteriores aos textos prontos, recebidos séculos depois. A tensão retórico-poética provavelmente decorre de uma tensão oral-literária primária.

Inicialmente, a profecia era resultado de uma oratória; num segundo momento, foi alvo de uma complexa edição por intelectuais israelitas, que não apenas transcreveram, mas transformaram o discurso, tornando-o mais polido literariamente. Isso não implica que a retórica seja exclusivamente falada e a poesia exclusivamente escrita, mas que ambos os gêneros contêm dispositivos mais orais e mais literários.

Portanto, o livro de Joel exemplifica de maneira notável essa tensão retórico-poética. Através de sua análise, pode-se concluir que essa tensão é uma característica essencial dos livros proféticos, conferindo-lhes uma originalidade única dentro do panorama literário de Israel. Joel, ao equilibrar habilmente elementos retóricos e poéticos, se posiciona como um modelo paradigmático desse gênero híbrido. Sua capacidade de infundir sentimentos profundos ao mesmo tempo em que busca persuadir seu público demonstra a eficácia e a complexidade dessa tensão. Assim, os livros proféticos emergem como uma fusão dinâmica na coexistência da retórica e da poesia, criando uma forma literária única que reflete tanto a riqueza da tradição oral quanto a sofisticação da composição literária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho não contempla a expectativa de uma homogênea classificação de gênero para ler Joel. No entanto, não significa que não traz uma resposta: o modo mais proveitoso para uma coerente leitura de Joel reside precisamente na apropriação da dúvida e da tensão entre os elementos retóricos e poéticos. O livro deve ser lido tomando especialmente o pano de fundo dramático como principal motor da sua redação, o que o torna mais poético. Esse calor emotivo, oriundo de uma catástrofe e não de um pecado, move a escrita do profeta.

Embora o drama e a complexidade da escrita de Joel confirmem ao livro um caráter mais poético, isso não o torna menos retórico. Seu referente externo é evidente, tanto na mensagem aos judeus (de animação) quanto aos gentios (de juízo). Portanto, Joel deve ser lido considerando sua mensagem bem definida, que aborda situações concretas e reais, motivadas por uma catástrofe real e objetivando um futuro renovado. Afinal, sua intenção é tornar conhecida uma mensagem divina, especificamente o Dia do Senhor.

Joel transita do concreto para o emotivo e volta ao concreto de maneira fluida. Ele parte de uma realidade externa, mergulha na dramaticidade e na emoção da poesia, e emerge para uma nova realidade concreta. Essa dinâmica revela a tensão retórico-poética que permeia o livro.

Extrapolando os limites do tempo e da própria cultura, Joel ainda testemunha a favor da coexistência harmoniosa entre ambos os gêneros, aproximando-os ao máximo e extraindo o melhor de cada um a favor da produção literária. Isso é feito pelo autor sem descaracterizá-los ou desviá-los de seus objetivos, e ainda favorece o estabelecimento de um cenário em que ambos não se anulam mutuamente ao trabalharem juntos. É através de tudo isso que a análise do livro faz-se relevante para a literatura de modo geral, problematizando classificações de gênero preestabelecidas e, em favor da cultura judaica, abre caminho para a redescoberta e para um olhar contemplativo à inventividade da literatura hebraica.

Portanto, a resposta para o gênero de Joel é, de fato, a tensão entre o retórico e o poético, embora com uma leve inclinação para o poético. Joel aborda o Dia do Senhor de maneira poética e dramática, exemplificando bem o tratamento do gênero profético. O livro serve como um exemplo prototípico de como a tensão retórico-poética pode coexistir, demonstrando e enriquecendo a complexidade e profundidade da profecia literária hebraica.

REFERÊNCIAS

ALMENDRA, Luisa Maria. **Oráculos proféticos**. [s.l.], 2000, p. 1-19. Disponível em: https://ciencia.ucp.pt/ws/portalfiles/portal/58381646/Ora_culosApres.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

AUNE, David E. **La profezia nel primo Cristianesimo e il mondo mediterraneo antico**. Brescia: Paideia Editrice, 1996. 725 p.

BARTON, John; MUDDIMAN, John (ed.). **The Oxford Bible Commentary**. New York: Oxford University Press, 2001.

BÍBLIA. Hebraico, grego. **Original Language Hebrew/Greek Bible**. London: Trinitarian Bible Society, 1998. 2288 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 1. ed. rev. ampl. 18. imp. São Paulo: Paulus, 2002. 2208 p.

FERNANDES, Leonardo A. O livro do Profeta Joel. **Theologica Latinoamericana. Enciclopedia Digital**, Belo Horizonte, p. 1-7, dez. 2022. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2750>. Acesso em: 04 abr. 2024.

FRANCISCO, Edson de F. **Texto Massorético**. São Bernardo do Campo, 2008, p. 1-8, abr. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/8437688/Texto_massoretico?sm=b. Acesso em: 23 maio 2024.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução: Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

MORRIS, Gerald. **Prophecy, Poetry and Hosea**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. 167 p.

NISSINEN, Martti. **Ancient Prophecy: Near Eastern, Biblical, and Greek Perspectives**. 1 ed. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/25797>. Acesso em: 03 jul. 2024.

PETTUS, David D. **A Canonical-Critical Study of Selected Traditions in the Book of Joel**. Waco, EUA: LBTS Faculty Publications and Presentations, 1992. Disponível em: https://digitalcommons.liberty.edu/lts_fac_pubs/2/. Acesso em: 15 maio 2024.

RABIN, Chaim. **Pequena história da língua hebraica**. São Paulo: Summus Editorial, 1973. 119 p.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 540 p.

STEWART, R. A. Joel, book of. In: DOUGLAS, J. D. (org.). **The new Bible dictionary**. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015014729894&seq=1>. Acesso em: 30 maio 2024.

STUART, Douglas (org.). **Word biblical commentary**: Hosea-Jonah. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1988. (Volume 31).